

## A ARTE RUPESTRE DO CARACARÁ, PANTANAL, BRASIL

José Luís dos Santos Peixoto  
Pedro Ignácio Schmitz

### RESUMO

Os grupos indígenas pré-coloniais que ocuparam a região da Lagoa Gaíba, na borda oeste do Pantanal, deixaram registros rupestres que sugerem dois momentos de representações dos grafismos definidos como Momento de Representação Naturalista e Momento de Representação Geométrica. Esses momentos foram caracterizados a partir dos procedimentos técnicos na confecção dos grafismos, na apresentação gráfica e nos temas abordados. A construção dos signos zoomorfos, antropomorfos e geométricos revelaram uma forte habilidade manual nas representações dos animais e um poder de abstração e de invenção na construção e na associação dos grafismos geométricos. São representações autóctones, que têm uma importância no universo gráfico do grupo e são símbolos compartilhados por grupos de pessoas que se identificam como parceiros de uma mesma história e representam informações construídas ao longo do tempo.

237

PALAVRAS-CHAVE: Arte Rupestre, Pré-colonial, Pantanal

### ABSTRACT

The pre-colonial indigenous groups who occupied the region of Lake Gaiba, on the western edge of the Pantanal, left rock arts suggestive of two instances of representations of the artwork, defined as the time of the Naturalistic Representation and the time of the Geometric Representation. These moments were characterized by the technical procedures used in the preparation of the artwork, the graphic presentation and the topics covered. The construction of zoomorphic, anthropomorphic and geometric signs revealed a strong manual dexterity in the representations of animals and a power of abstraction and invention in the construction and combination of geometric graphics. These indigenous representations were important in the graphic universe of the group and are symbols shared by people who identify themselves as partners of the same history and recover information constructed over a long time.

KEYWORDS: Rock Art, Pre-colonial, Pantanal

## INTRODUÇÃO

O Pantanal é formado por várias planícies de inundação e leques aluviais com área estabelecida dentro do território boliviano e brasileiro, situada entre os paralelos 16° e 22° de latitude Sul e os meridianos de 55° e 58° de longitude Oeste. Os sítios com registros rupestres estão situados na região das Grandes Lagoas do Pantanal (GLP), situada na face oeste do Pantanal, ao longo do rio Paraguai. Essa região apresenta o maciço do Urucum, a Serra do Amolar e um conjunto de lagoas que integram a linha de fronteira entre Bolívia e Brasil e delimitam o ecossistema do Cerrado, pelo lado Boliviano (a Chiquitania) e o ecossistema do Pantanal, pelo lado brasileiro (o Pantanal). Nessa região estão distribuídos vários sítios Aterros estabelecidos dentro da planície de inundação e sítios de arte rupestre situados nos substratos rochosos dos planaltos residuais e morros de baixa altitude isolados dentro da planície pantaneira.

238

No sopé do Maciço do Urucum, próximo às Lagoas do Jacadigo e Negra, há um conjunto de cinco sítios rupestres, denominados de Petroglifos de Corumbá, estabelecidos sobre lajedos horizontais (bancadas lateríticas), que estão fora do alcance das cheias. Esses locais apresentam grafismos compostos por círculos e sulcos curvos, produzidos por raspagem e/ou picoteamento (PASSOS, 1975; GIRELLI, 1994 E HACKBART, 1997). Estudos realizados por Girelli (1994), utilizando um enfoque tipológico, determinaram a técnica de produção das gravuras e identificaram os motivos que são utilizados na formação dos vários painéis e as relações existentes entre os sítios de registro rupestre. Também, estabeleceram as semelhanças com sítios de outras áreas com simbologia e lógica de composições semelhantes. Os sítios de gravura rupestre do Pantanal, em termos de grafismo, produção e suporte físico, são compostos por conjuntos organizados em agrupamentos de grafismos variados, predominantemente justapostos, sem conexão física entre eles, e grafismos variados ligados por longos sulcos e acompanhados por outros (GIRELLI, 1994, p. 150). Em todos os sítios, os tipos e a composição dos conjuntos de gravuras são semelhantes, diferindo apenas na variedade, qualidade e superfície coberta, indicando que os sítios formam um só conjunto. Adjacentes ao conjunto dos sítios Petroglifos de Corumbá, há centenas de Aterros que foram ocupados por grupos pré-ceramistas entre  $5.500 \pm 130$  anos A.P. (Beta - 106725) e  $1.710 \pm 70$  anos A.P. (Beta - 83568) e grupos ceramistas entre  $2.820 \pm 120$  anos A. P. (Beta - 165764) e  $1.700 \pm 60$  anos A.P. (Beta - 91893), que Schmitz *et al.* (1998) denominaram de povos indígenas de Tradição Pantanal.

Ao norte do maciço do Urucum, às margens sul da Lagoa Vermelha, localizam-se os sítios MS-CP-74 que, de acordo com Peixoto (2003, p. 221), apresentam 12 painéis e um polidor fixo, provavelmente, utilizado para polir e amolar instrumentos. Essas gravuras têm como suporte blocos de rocha, cujas superfícies mais planas são aproveitadas para

confeção dos grafismos produzidos pela técnica de polimento e picoteamento. Os motivos dos desenhos são predominantemente geométricos com círculos concêntricos e sulcos retilíneos semelhantes aos grafismos presentes nos sítios do maciço do Urucum. Embora alguns símbolos sejam semelhantes, a organização dos grafismos que compõe os painéis do sítio MS-CP-74 não é comparável com qualquer outro sítio, talvez indicando uma identidade étnica do grupo que ocupou a região das Lagoas do Castelo e Vermelha. Por outro lado, não é possível considerar os locais de habitação permanente, pois os grafismos são sazonalmente submersos pela água no período da cheia. Logo, é provável que o local tivesse a função cerimonial ou serviria para demarcação de território, pois a região apresenta uma alta densidade de sítios Aterros (PEIXOTO, 2003, p. 22). Adjacentes a esse sítio, localiza-se um conjunto de Aterros que demonstram a presença de um grupo local consolidado, entre  $2.640 \pm 100$  anos A.P. (Universidade de Waterloo – 106720) e  $1.290 \pm 100$  anos A. P. (Universidade de Waterloo – 106718) referente ao sítio MS-CP-71 (PEIXOTO, 2003, p. 87), o qual Peixoto e Felicíssimo (2007) denominaram de Fase Castelo, pertencente à Tradição Pantanal.

Ao norte da Lagoa Vermelha, situa-se a serra do Amolar e morros de baixa altitude situados na foz do rio São Lourenço. Nessa região, no início do século XX, surgem os primeiros documentos escritos sobre os registros rupestres no Pantanal, descritos pelo etnólogo Max Schmidt durante as expedições realizadas na bacia do Alto Paraguai. Em viagem realizada por Max Schmidt entre os Guatós, em 18 de outubro de 1901, foram documentadas gravuras rupestres na margem direita do rio Paraguai, próximo à entrada da Lagoa Gaíba, no morro do Letreiro, que se confirmam como as mesmas gravuras registradas pelo general João Severiano da Fonseca, em 27 de julho de 1875 (FONSECA, 1880, citado por SCHMIDT, 1942, p. 118). Entretanto, os Guató estabelecidos na região da Lagoa Gaíba, que acompanharam Max Schmidt, não reconhecem essas gravuras como vestígios de seus antepassados, mas sim como registro de tempos remotos que não têm significado para os Guató, conforme afirma Schmidt (1942: 119) “[...] nada mais representassem para eles do que os sulcos afiados pelo trabalho das águas num lugar em que a rocha foi quebrada com instrumentos de pedra”.

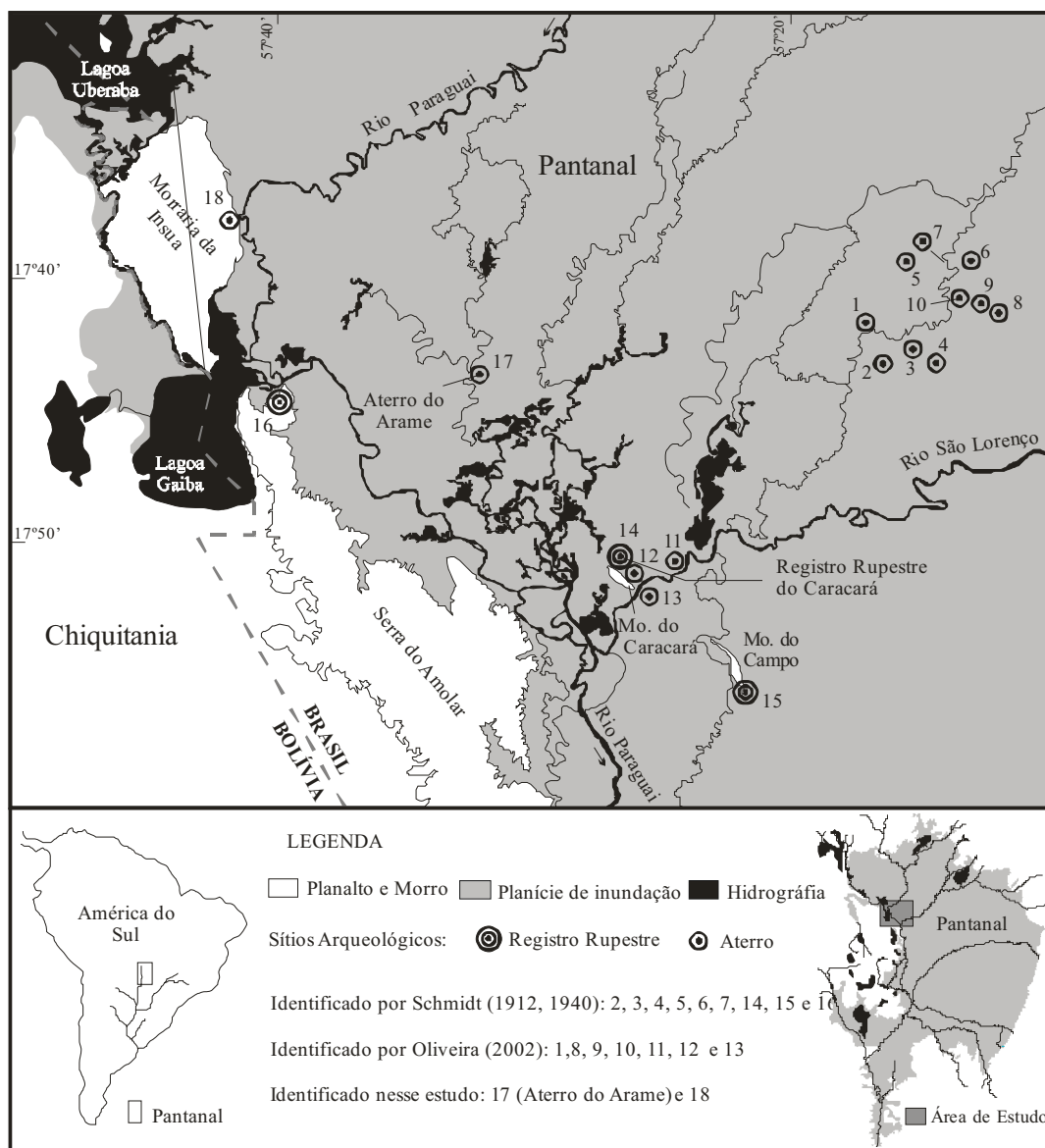
Nas expedições realizadas por Max Schmidt, foram documentadas as gravuras rupestres situadas no morro do Caracará e do morro do Triunfo (SCHMIDT, 1914 e 1940). No mapa de localização do itinerário das expedições estão localizados os morros do Caracará e do Triunfo, com a indicação das gravuras rupestres denominadas pelo autor como “*Los grabados rupestres del Morro de Triumpho*” e “*Los grabados rupestres del Morro de Caracará*” (SCHMIDT, 1940, Lâmina XXIV). Esses dois morros se destacam na planície pantaneira e, atualmente, são identificados pela cartografia moderna e comunidade local como morro do Caracará e morro do Campo (Figura 1). Em comparações entre os sítios de gravuras

rupestres do morro do Letreiro, morro do Caracará e morro do Campo, Max Schmidt considera que há uma afinidade entre os registros rupestres, sendo que as gravuras do morro do Triumpho têm motivos variados e “[...] *los grabados del Morro de Triumpho eran los más interesantes que yo había visto en todos mis viajes*” (SCHMIDT, 1940: 69).

240 A equipe do Laboratório de Arqueologia do Pantanal, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, visitou os sítios mencionados por Max Schmidt e elaborou o projeto “Os povos indígenas pré-coloniais da Lagoa Gaíba, Pantanal Sul-mato-grossense”, com a finalidade de obter informações sistemáticas dos registros rupestres e fornecer subsídios para a proteção, a preservação e a difusão do patrimônio cultural pré-histórico pantaneiro. Ao longo das atividades de campo, constatou-se que seria necessário priorizar a documentação dos registros rupestres localizados no morro do Caracará, pois a documentação dos grafismos pertencentes ao conjunto dos sítios rupestres identificados por Max Schmidt demandaria um maior tempo de execução e de recursos financeiros numa proposta de projeto de longa duração. Portanto, o presente estudo apresenta os estudos sobre os registros rupestres do morro do Caracará. Na impossibilidade de atribuir estes conjuntos de grafismos, a qualquer grupo étnico conhecido, optamos por usar para o conjunto dos grafismos rupestres ora estudados a denominação de um topônimo, onde aparecem os grafismos e por sua vez mantivemos um nome semelhante ao sugerido por Max Schmidt. Por conseguinte, doravante o denominaremos de Arte Rupestre do Caracará, que se destaca por apresentar gravuras e pinturas, sendo que as gravuras têm predomínio nas representações gráficas em relação às pinturas.

Nesse mesmo contexto arqueológico, existem dezenas de sítios, denominados de Aterros, que são locais com ocorrência de vestígios materiais pertencentes aos primeiros habitantes da região. Atualmente, estão em andamento estudos no Aterro do Arame, que tem uma cronologia de ocupação entre 1.070+ 50 anos A.P. (Beta – 262806) e 710 + 70 anos A.P. (Beta – 262805). Provavelmente, os Aterros distribuídos na planície de inundação podem representar os assentamentos do grupo responsável pelos registros rupestres no morro Caracará (Figura 1).

Na medida em que os estudos arqueológicos avançam, os indicadores arqueológicos na região das Grandes Lagoas do Pantanal apontam para o estabelecimento de grupos com identidade étnica, que responde à categoria ideologicamente valorizada e são dependentes de certa escolha ou opção em situações determinadas (OLIVEIRA, 1976). Ou seja, a identidade étnica é estabelecida pelo próprio indivíduo em que o contato cultural e a mobilidade consolidam determinado grupo étnico como unidade identificável pela manutenção de suas fronteiras, as quais marcam o sistema social a que os indivíduos acreditam pertencer e com relação às quais identificam outros atores inseridos num outro sistema social (BARTH, 1998).



**Figura 1:** Área de estudo com a localização dos sítios de arte rupestre e sítios Aterros. Nesse estudo destaca-se o sítio rupestre do Caracará (nº 14).

**OS REGISTROS RUPESTRES DO MORRO DO CARACARÁ**

O presente estudo considera os signos gráficos uma fonte de informação antropológica de cunho científico. Embora os grafismos parietais do morro do Caracará assumam uma dimensão estética, a construção dos signos zoomorfos e geométricos revelam uma forte habilidade manual nas representações dos animais e um poder de abstração e de

invenção na construção e na associação dos grafismos puros. No entanto, o estudo ora apresentado tem a finalidade de descrever as representações rupestres, voltado para uma análise mais técnica do que interpretativa, definindo o modo como os grafismos foram realizados, quais os recursos materiais empregados e quais os grafismos que podem ser representantes de uma tradição rupestre. Nesse contexto, os estudos tiveram um procedimento de microanálise das características técnicas dos grafismos, associada às informações sobre a ocupação humana dos sítios adjacentes e seu entorno ecológico. Esse procedimento tem os mesmos pressupostos de Martin (1996, pp. 216-219) que considera ser possível aproximar-se dos grupos do passado a partir dos registros rupestres, se se considerar que os signos gráficos representem uma forma de linguagem que está sob os estímulos da cultura material, das condições ambientais e da cosmovisão. Ainda assim é possível ponderar que as representações gráficas sejam o resultado da interpretação que os indivíduos fazem do seu momento cognitivo e são modificadas ao longo das mudanças culturais, a que são submetidas as sociedades. Por outro lado, as informações etnográficas possibilitam verificar que vários grupos indígenas têm símbolos iguais ou semelhantes, mas com significados totalmente diferentes (RIBEIRO, 1992). A partir dessas pressuposições foram realizadas as atividades de campo e laboratório no estudo dos registros rupestres do morro do Caracará.

242

#### **METODOLOGIA DE CAMPO**

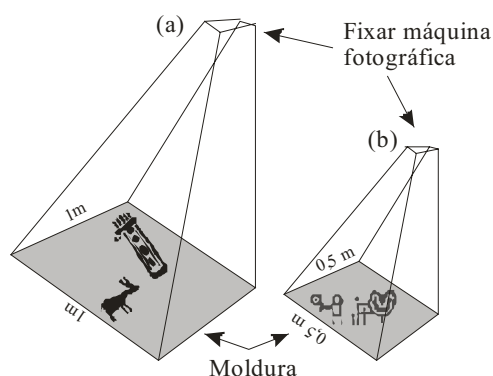
As atividades de campo iniciaram pela documentação fotográfica com a finalidade de estabelecer um panorama da região, do sítio e dos locais com os conjuntos dos grafismos rupestres. Numa segunda etapa foram determinados os limites da área de ocorrência dos registros gráficos e a definição das unidades de análise, que denominamos de painéis gráficos. O sistema de referência para localização do sítio e dos painéis compõe-se das coordenadas geodésicas – latitude e longitude e transformadas em coordenadas plano-retangulares do sistema Universal Transverse Mercator (UTM).

A superfície de cada painel gráfico foi dividida em unidades de  $1\text{m}^2$ , denominadas de quadras, utilizando um sistema de codificação alfanumérico com orientação Norte/Sul. As quadras com presença de grafismos foram fotografadas com uso de uma torre construída em cantoneiras de alumínio, em que numa extremidade é fixada a máquina fotográfica digital e na outra, há uma moldura de  $1\text{m}^2$  ou  $0,5\text{m}^2$  (Figura 2). O uso de tamanho diferenciado das molduras está relacionado às dimensões dos grafismos. A Torre com moldura de  $1\text{m}^2$  foi utilizada para conjunto ou unidade de grafismos maior que  $0,50\text{m}$ . A Torre com moldura de  $0,5\text{m}^2$  foi utilizada para conjunto ou unidade de grafismos menor que  $0,50\text{m}$ . As imagens foram armazenadas numa máquina fotográfica digital e, posteriormente, foram impressas em papel de tamanho A4 para registrar informações

sobre os grafismos com relação à profundidade dos sulcos, aos limites dos desenhos, a sobreposições gráficas, à técnica de confecção, à posição do artífice para execução dos desenhos e à determinação da cor dos pigmentos com o auxílio da Carta de *Munsell* (1994). Em laboratório, essas informações foram transcritas para o plano gráfico com auxílio do programa de computador Corel Draw (V. 12). O plano gráfico é composto por quatro camadas de informação conforme descrito a seguir: a imagem digital captada em campo, a delimitação e a identificação das quadras, os grafismos e as profundidades das gravuras. As ilustrações para a impressão final foram representadas na cor preta, para as gravuras e na cor cinza, para as pinturas com pigmento vermelho.

Ao longo das atividades de campo, foram utilizados dois métodos para a documentação dos grafismos: a Torre para registro fotográfico e o decalque sobre plástico transparente. Na prática, o registro fotográfico digital, acompanhado com a impressão das imagens, possibilita ao longo das atividades de campo, a complementação das informações registradas diretamente sobre as imagens impressas, resultando numa documentação mais eficiente. Por outro lado, apesar dos cuidados no momento da cópia, o uso do decalque provoca inevitáveis distorções na morfologia dos grafismos e também omissão de elementos gráficos em razão da dificuldade na percepção visual da unidade ou do conjunto dos grafismos. Portanto, como procedimento padrão, foi utilizada a torre fotográfica e nos setores dos painéis, onde havia dificuldade de uso da máquina fotográfica, foi utilizado o decalque e, eventualmente, também utilizado como documentação complementar. A torre é utilizada sistematicamente nas escavações arqueológicas realizadas pela equipe do Laboratório de Arqueologia do Pantanal (LAPan), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), obtendo excelentes resultados na documentação e mapeamento dos artefatos, dos esqueletos humanos e das estruturas arqueológicas.

243



**Figura 2:** Torre utilizada na documentação fotográfica digital dos registros rupestres do morro do Caracará, Pantanal. Para unidades ou conjunto de grafismos maiores que 0,50 m<sup>2</sup> utilizou-se moldura de 1 m<sup>2</sup> (a) e menores que 0,50 m<sup>2</sup> utilizou-se moldura de 0,50 m<sup>2</sup> (b).

As análises dos grafismos concentraram-se na observação da técnica de confecção, da temática e da distribuição das figuras no suporte rochoso, seguindo a mesma orientação de estudos realizados por Pessis e Guidon (1992) e Pessis (2003). Com essa mesma perspectiva e adaptadas às condições locais e aos registros rupestres do morro do Caracará, foram consideradas para análise as seguintes observações: (1) as figuras são identificáveis e possibilitam a definição de uma temática; (2) as figuras são identificáveis, mas a temática não é identificada; (3) os conjuntos das formas são reconhecíveis, mas sem a conexão com o entorno gráfico mais próximo e; (4) os grafismos com uma morfologia não reconhecível.

Os espaços entre as figuras têm tanto valor, quanto os traçados. Logo, foi observada a distância entre os grafismos, sobretudo, a distância entre a mesma classe estilística, ou seja, entre as figuras dos animais, as figuras geométricas e entre as representações antropomorfas. É importante considerar, que ao longo das atividades de campo e laboratório, as análises dos grafismos com representações reconhecíveis e dos grafismos puros foram realizadas de modo análogo, “[...] pois o conjunto apresenta uma distribuição susceptível de ser interpretado. Em outros termos, é provável que os grafismos puros tenham uma função ligada à função dos grafismos reconhecíveis” (PESSIS, 1984: 100). O conjunto das ações analíticas possibilitou determinar o tipo gráfico presente no sítio e sua relação com o conjunto das manifestações gráficas dos vários sítios rupestres situados dentro e adjacentes ao Pantanal.

244

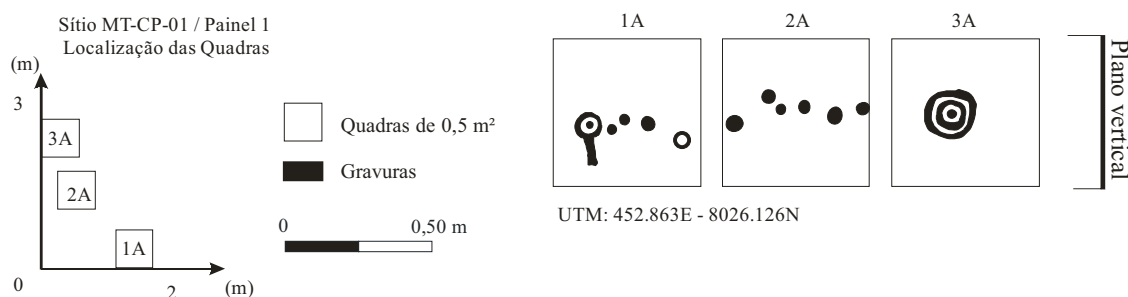
### **DESCRIÇÕES DOS GRAFISMOS**

A formação geológica do morro do Caracará proporciona locais com superfícies lisas provocadas pela descamação natural da rocha e sobre blocos desprendidos dos afloramentos. Os afloramentos são formados por rochas xistosas, predominantemente compostas por quartzo e sericita, em análise macroscópica, e que compõem a Formação Urucum, conforme Brasil (1982). Nas amostras retiradas para a identificação do substrato rochoso, não foi observada a presença de carbonatos. Os grafismos rupestres ocorrem nos níveis sericíticos que apresentam uma coloração marrom-avermelhada pela presença de óxido de ferro em filetes ou crostas na superfície de exposição da rocha.

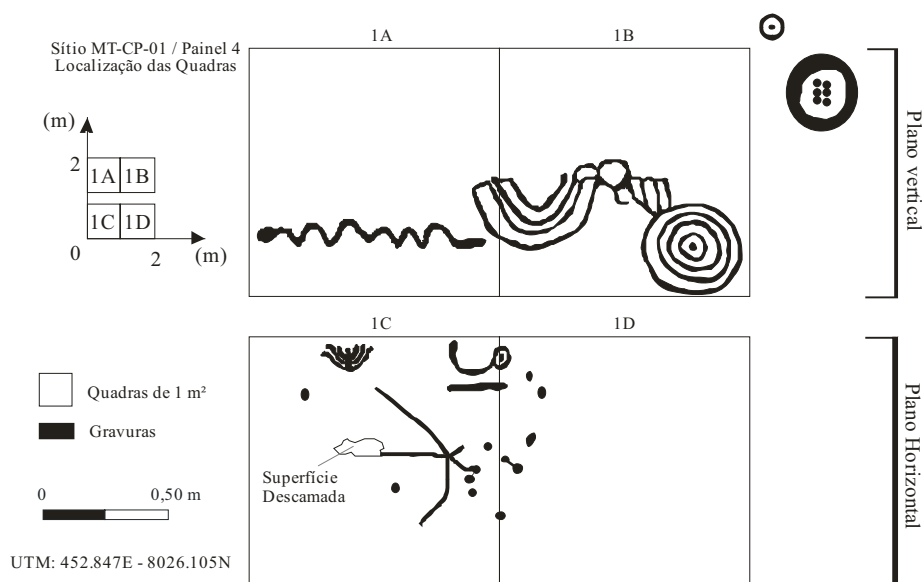
Esses locais apresentam plataformas adequadas para a prática pictural que facilitam a reprodução de desenhos através de incisões, polimento e pintura. A escolha do local para erigir a composição gráfica tem a preocupação em dispor de uma superfície silicificada lisa, regular e, eventualmente, protegida da chuva. Não há indícios da esfoliação da parede rochosa por ação antrópica. Algumas paredes são colonizadas por musgos que colorem a superfície de verde e por líquens esbranquiçados com uma coloração em tons de cinza. Os substratos rochosos formam paredes multicores entre o vermelho e o amarelo que, associados às tonalidades de verde proporcionado pela vegetação, formam uma paisagem de fundo que completa os grafismos presentes nas paredes.



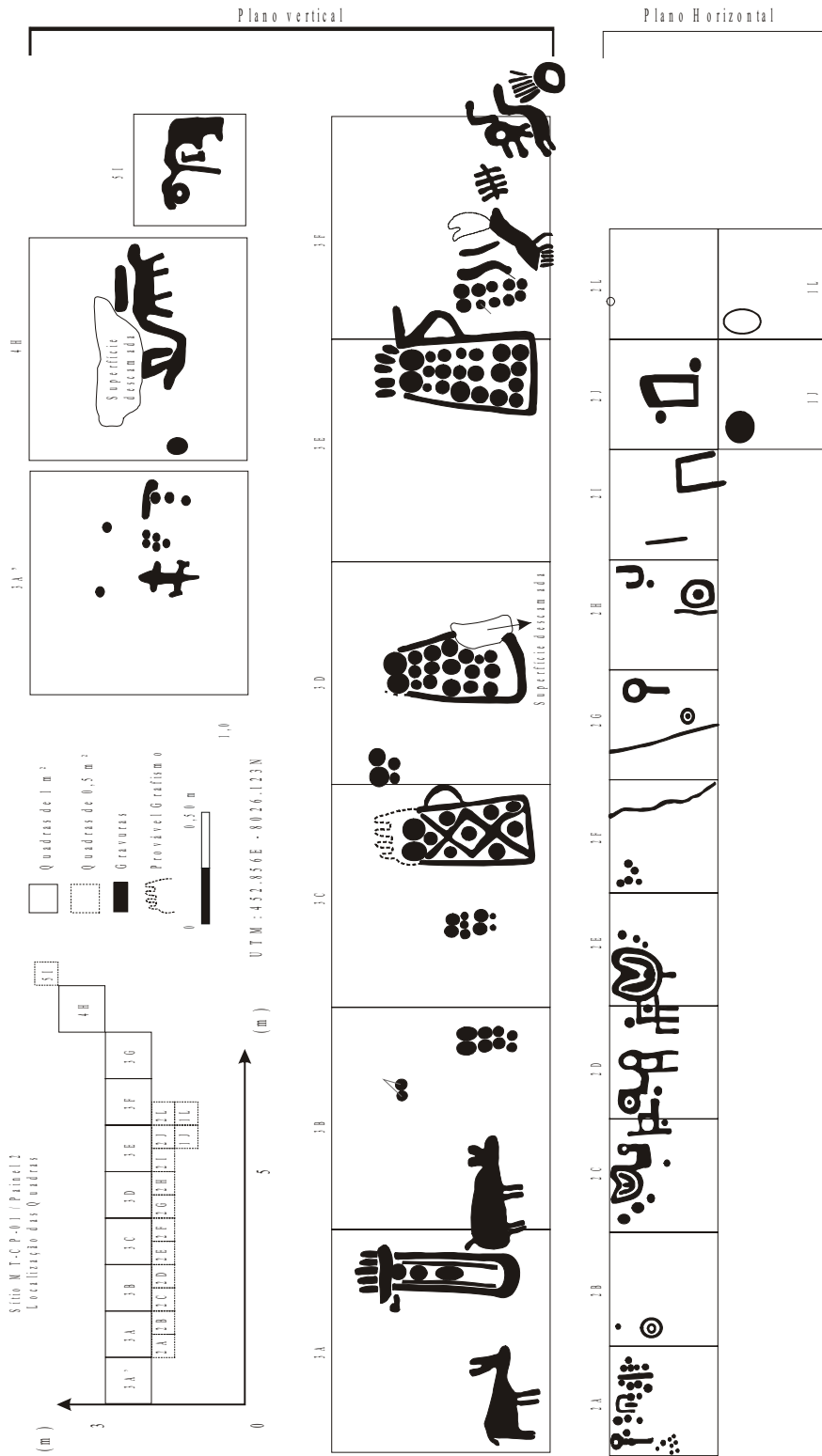
Os grafismos estão distribuídos pela superfície no lado leste do morro Caracará entre a base e a altura aproximada de 100 m. Próximo à base foram delimitados painéis que denominamos de painel 1, painel 2, painel 3, painel 4 e painel 5 com grafismos presentes no plano vertical e horizontal, os quais estão reproduzidos nesse estudo (Figuras 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9). Em locais com alturas acima de 20 m em relação à planície, foram identificadas gravuras e pinturas isoladas, que tiveram seu registro descrito no diário de campo e deverão ser documentadas nas próximas expedições. Algumas gravuras e pinturas podem ser avistadas de longe, pois estão posicionadas na porção média do morro do Caracará. Aparentemente foram feitas num local estratégico, pois o lugar possibilita uma vista panorâmica da planície pantaneira.



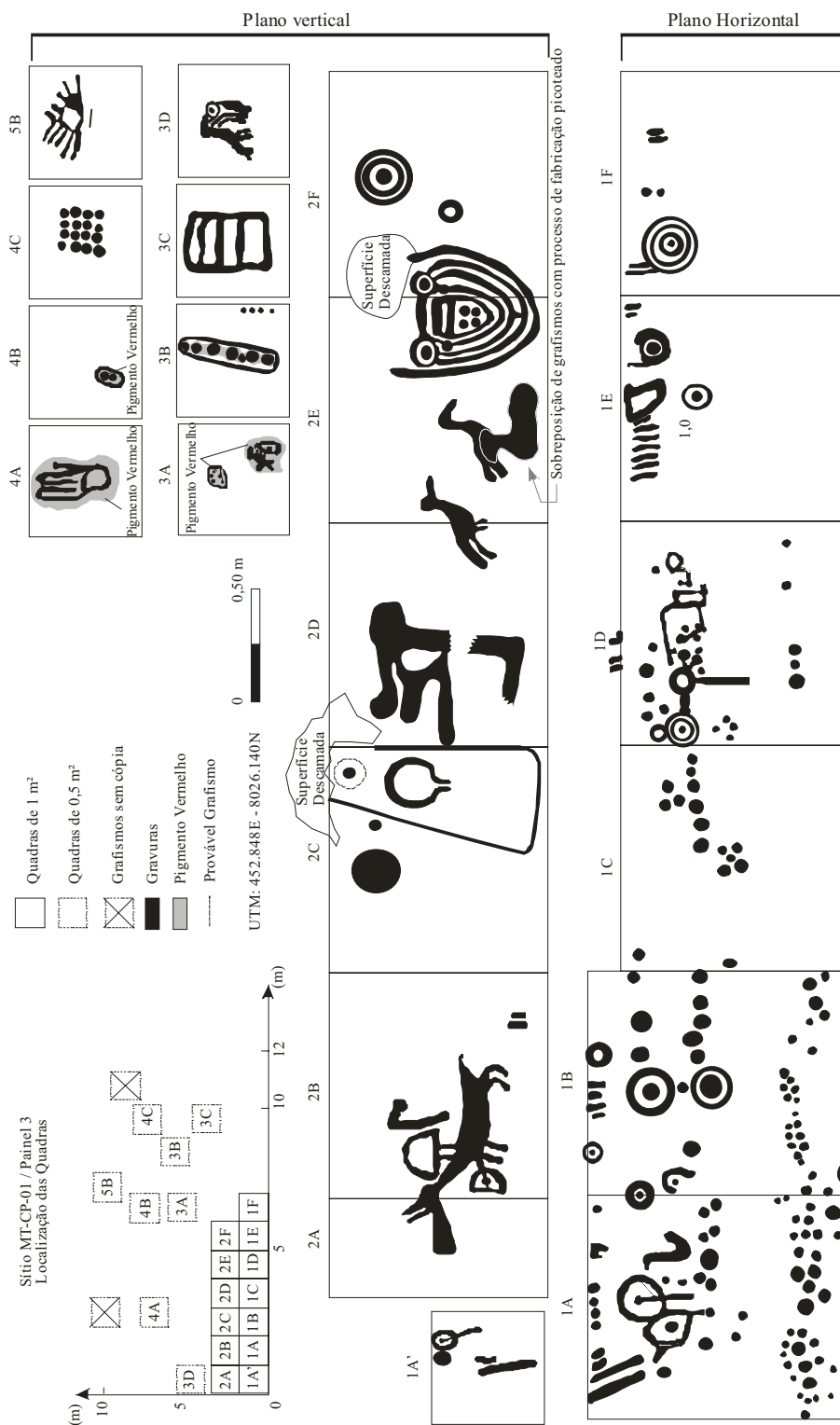
**Figura 3:** Representações gráficas no plano vertical dos grafismos puros pertencentes ao painel 1, sítio MT-CP-01. Os grafismos são confeccionados em baixos-relevos numa profundidade entre 0,2 e 5,5 cm.



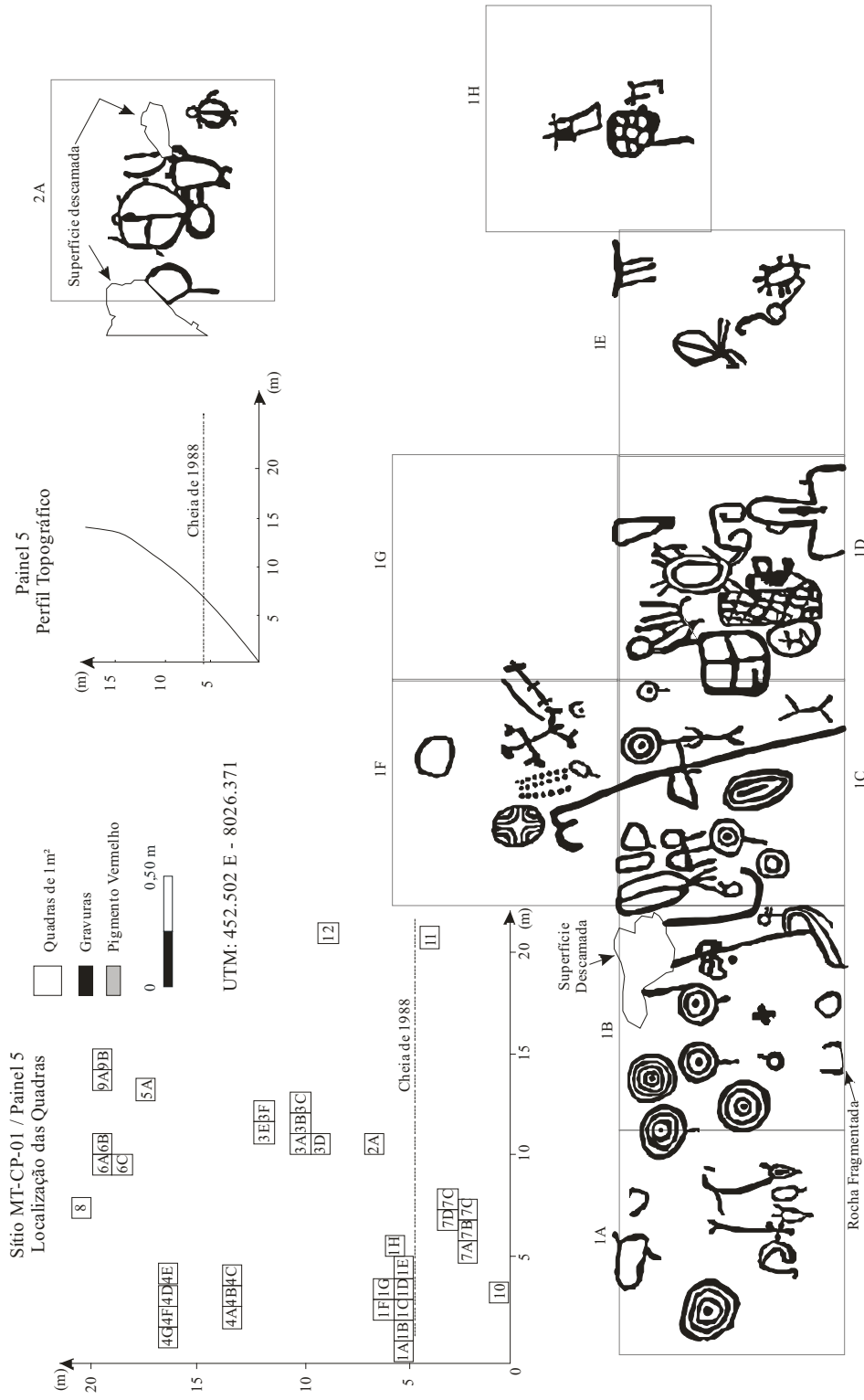
**Figura 4:** Representações no plano vertical dos grafismos puros pertencentes ao painel 4, sítio MT-CP-01. Os grafismos são confeccionados em baixos-relevos numa profundidade entre 1,0 e 1,5 cm.



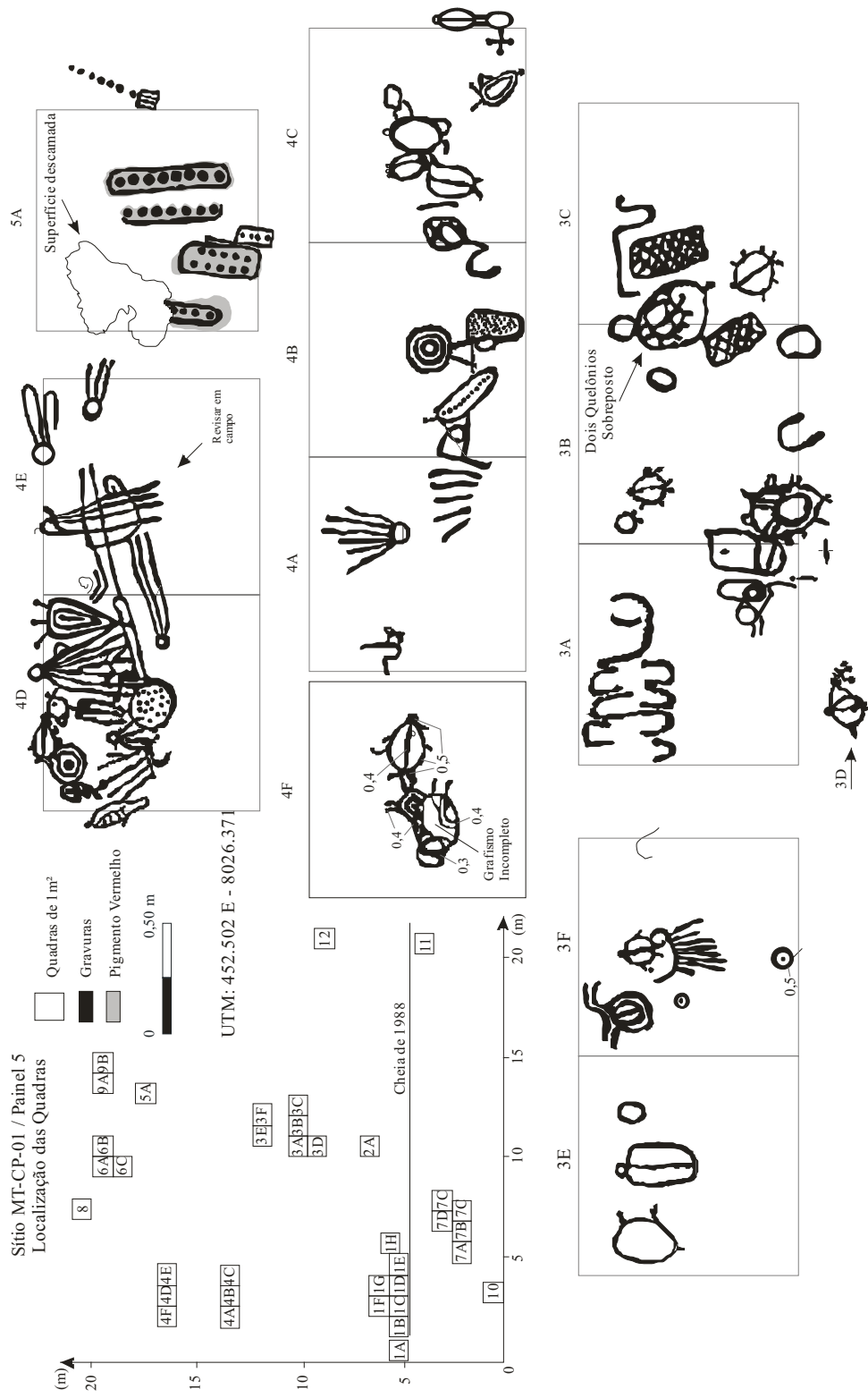
**Figura 5:** Representações gráficas no plano vertical do conjunto dos grafismos naturalistas associado a conjunto de grafismos puros e representações no plano horizontal do conjunto de grafismos puros pertencentes ao painel 2, sítio MT-CP-01. Os grafismos são confeccionados em baixos-relevos numa profundidade entre 0,2 e 6,0 cm.



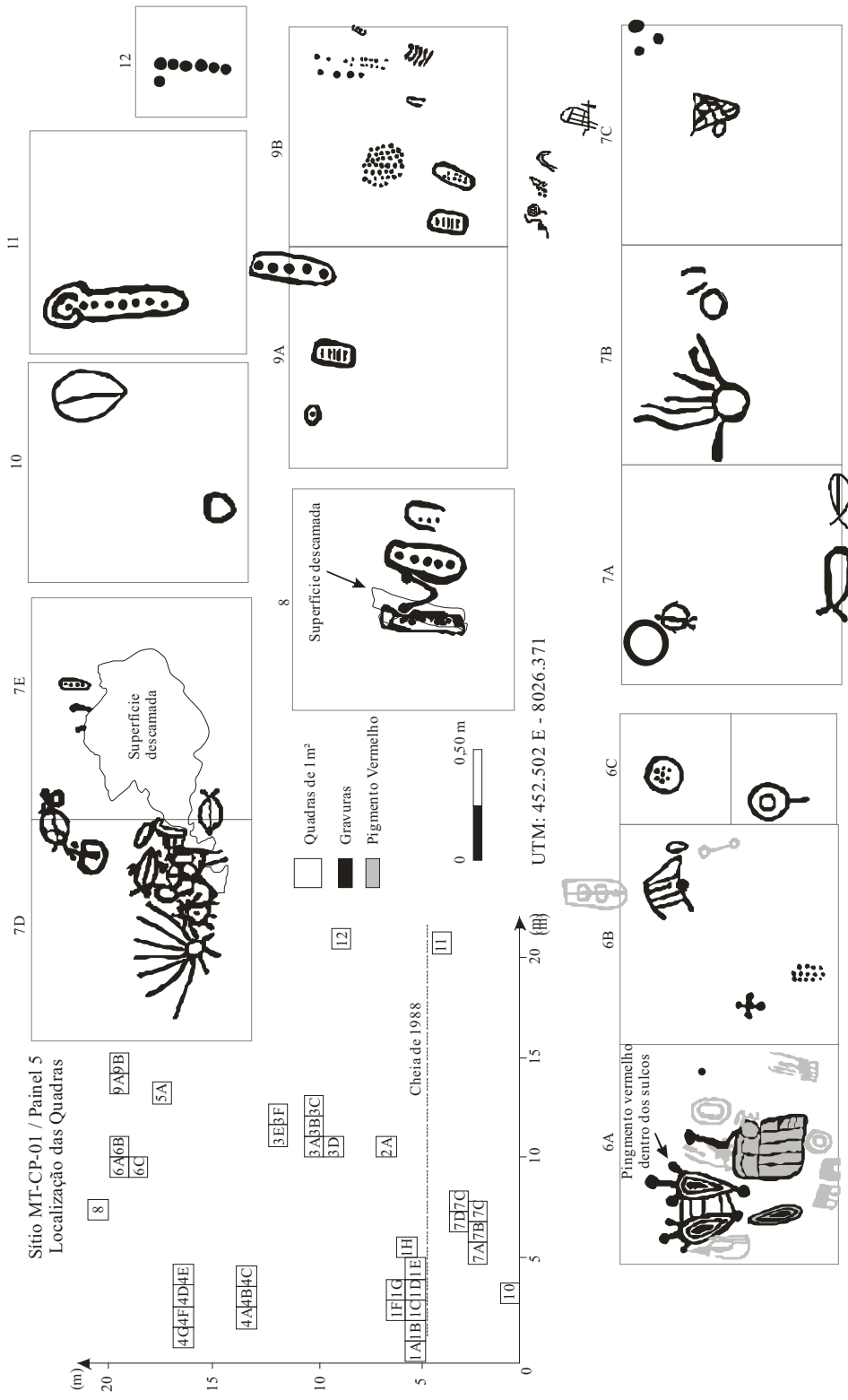
**Figura 6:** Representações gráficas no plano vertical do conjunto dos grafismos naturalistas associado a conjunto de grafismos puros. Representações gráficas do plano horizontal do conjunto dos grafismos puros pertencentes ao painel 3, sítio MT-CP-01. Os grafismos são confeccionados em baixos-relevos numa profundidade entre 0,2 e 6,0 cm.



**Figura 7:** Representações gráficas do plano horizontal do conjunto de gravuras pertencentes ao painel 5, sítio MT-CP-01. Os grafismos são confeccionados em baixos-relevos numa profundidade entre 0,3 e 1,0 cm.



**Figura 8:** Representações gráficas do plano horizontal do conjunto de gravuras pertencentes ao painel 5, sítio MT-CP-01. Os grafismos são confeccionados em baixos-relevos numa profundidade entre 0,2 e 1,5 cm.



**Figura 9:** Representações gráficas do plano horizontal do conjunto de gravuras pertencentes ao painel 5, sítio MT-CP-01. Os grafismos são confeccionados em baixos-relevos numa profundidade entre 0,2 e 1,5 cm.

Os painéis 1 a 5 estão situados nas paredes rochosas entre o nível da planície até 20 m de altitude, em locais visíveis à percepção humana. Os painéis 1 a 4 estão distantes um dos outros, não mais que 5 metros, entretanto, não podem ser percebidos conjuntamente, pois há obstáculos pela própria formação rochosa. O painel 5 está localizado a 100m deste conjunto de painéis. Alguns desenhos estão próximos e outros longe do alcance da mão humana. Nos locais de difícil acesso, os artesãos utilizavam-se de escadas naturais como árvores próximas aos paredões e saliências naturais do substrato rochoso.

As gravuras são confeccionadas com o auxílio de instrumentos líticos na retirada de porções reduzidas da rocha através da percussão (picoteamento) ou fricção (polimento, incisão e raspagem), que provocam delineamento de sulcos formando figuras e representações de animais com o corpo totalmente em baixo-relevo. Em algumas figuras geométricas percebe-se o delineamento do desenho a partir de um picoteamento inicial e, posteriormente, há um processo de polimento da superfície com instrumento abrasivo.

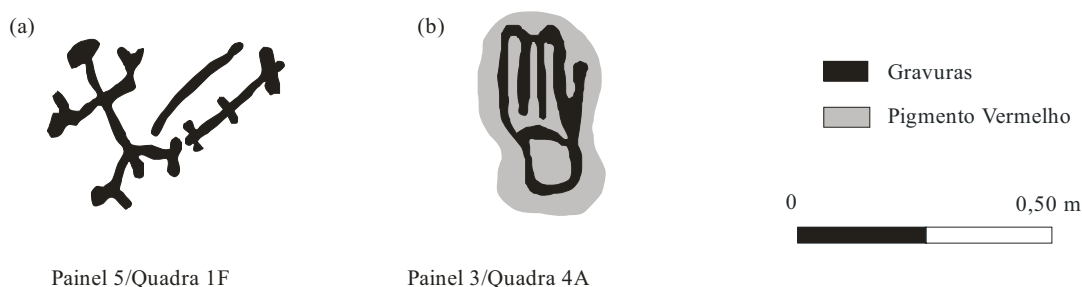
A região oferece abundante matéria-prima para fabricação de instrumentos líticos de dureza superior ao suporte rochoso e de pigmentos para o uso nas elaborações dos desenhos. O pigmento vermelho pode ser retirado do minério de ferro que tem grande abundância na região. Embora haja uma ampla variedade de vegetais para fabricação de pigmentos, é possível que os dedos, as fibras, os pelos de animais e os espinhos vegetais tenham sido utilizados para uso no delineamento das figuras pintadas, produzindo contornos com as extremidades irregulares.

A definição da representação de cada figura está diretamente relacionada aos seus traços de identificação, o que possibilita obter elementos representativos do mundo material. Os grafismos reconhecíveis no plano biológico foram definidos a partir de elementos essenciais às atividades vitais, como a cabeça, a coluna vertebral e os membros superiores e inferiores. A ausência de algum desses elementos pode ser compensada pela presença da cauda, do sexo e, no que se refere ao homem, a manipulação de um objeto. Neste conjunto estão representados os grafismos zoomórficos e antropomórficos.

Os grafismos que reproduzem a imagem dos animais estão dispostos, essencialmente, no plano vertical, em paredes lisas e regulares, onde são aproveitados os contornos, as depressões e os orifícios naturais dos suportes rochosos. Na sua maioria, estão de perfil com o corpo em baixo relevo, numa profundidade de até 2 cm, dispostos propositadamente de maneira que o espectador tenha fácil visibilidade a uma distância de até 10 m. Alguns animais são representados com realismo em posição estática e simbolizados pela sua linha cerviceo-dorsal que delinea todo o corpo e define algumas características da espécie (chifre de cervídeo, esporões de peixe, cauda de mamífero, membros superiores e inferiores,

entre outros), possibilitando inferir sobre a identificação taxonômica. Ao passo que outros animais são representados por grafismos esquematizados, que permitem apenas inferir sobre a classe dos animais (mamífero, réptil, peixe e anfíbio). Os animais terrestres representados por cervídeos são desenhados de perfil e o corpo é totalmente alisado e em baixo relevo. Os animais aquáticos, representados por peixes, serpentes e anfíbios, são desenhados de perfil e o corpo é delineado por sulcos produzidos por picoteamento e polimento.

Os grafismos antropomórficos são representados por sulcos retilíneos que representam a cabeça, o tronco e os quatro membros e pela mão esquerda que é representada a partir de uma superfície previamente pintada de vermelho, onde a mão de tamanho natural é sobreposta e delineada por picoteamento e polimento. Ambas as figuras da representação humana têm tamanho semelhante (Figura 10).



**Figura 10:** Registro gráfico com a esquematização da representação da figura humana com suas armas (a) e da representação da mão esquerda humana sobreposta a pintura vermelha da superfície rochosa (b), pertencentes ao painel 3 e 5, sítio MT-CP-01.

No Nordeste e Centro-Oeste brasileiro, há sítios rupestres com impressão das mãos, nos quais a face interna da mão do artífice é pintada de vermelho e aplicada sobre uma superfície rochosa. No caso do painel 3 (Quadra 4A), a superfície rochosa foi pintada e, posteriormente, a mão esquerda é apoiada sobre a superfície pintada e suas extremidades são delineadas em baixo-relevo. É possível que os pigmentos utilizados para as pinturas rupestres sejam constituídos por óxido de ferro, que produz um pigmento de cor vermelha, com variações de tonalidades em virtude da diferente concentração de pigmento na superfície. O pigmento vermelho é possível obter em abundância nas formações rochosas do próprio morro do Caracará e na Serra do Amolar.

Os grafismos puros são, na sua maioria, de morfologia não reconhecível representados por formas geométricas que podem ter diversos significados. Estão dispostos no plano vertical e horizontal e são confeccionados com um instrumento cinzel obtido a partir de uma lasca ou instrumento de gume estreito que produz sulcos com uma largura entre 1 cm e 2



cm e profundidade entre 0,2 cm e 1,5 cm. As figuras foram classificadas pelos elementos que formam o desenho, ou seja, linhas retas ou curvas, superfície fechada e conjunto de pontos ou cúpulas, que dão origem às formas geométricas. Há desenhos com contorno em formato de retângulos, preenchido por linhas paralelas, que cruzam entre si para formar losangos onde, no centro, há cúpulas. Também há círculos concêntricos radiados, círculos concêntricos, círculos sinalizados com uma cruz central e círculo preenchido por cúpulas.

A inclinação das figuras possibilitou reconstruir a posição do artífice no momento da confecção dos grafismos. Nos espaços de difícil acesso, ou em locais com difícil equilíbrio, as figuras tendem a ser mais simples e representadas por sulcos com predomínio de desenhos geométricos. Nos locais com plataformas que proporcionam maior equilíbrio ao artífice, as gravuras são produzidas por polimento com tamanho maior.

#### **ORDENAMENTO TAXONÔMICO DOS GRAFISMOS**

As análises da Arte Rupestre do Caracará consideraram os aspectos referentes às cronologias, aos significados, às descrições e às interpretações que, de acordo com Pessis (1992 e 1993), são inerentes ao processo de análise para o estabelecimento dos perfis gráficos dos sítios rupestres. A dificuldade no estabelecimento cronológico dos registros gráficos torna necessária a separação temporal do conjunto dos grafismos de maneira hipotética, mas, na medida do possível, é importante associar os vestígios cronologicamente determinados dos sítios adjacentes. Essa medida possibilita isolar os conjuntos gráficos e associá-los a períodos cronológicos diferentes. Evidentemente, na maioria das vezes, não é possível estabelecer os significados que os registros gráficos tinham para os seus autores, porém é possível considerar que esses registros representam um pensamento e esse pensamento é um produto coletivo. Portanto, os significados sugeridos neste estudo são apenas sugestões que estão apoiadas nas informações dos sítios arqueológicos adjacentes, nos recursos ambientais, nas informações etno-históricas e na percepção das comunidades locais sobre os registros rupestres. Nessa conjetura, de acordo com Pessis (1993, p. 11), foram estabelecidos parâmetros de análises gráficas no plano tecnológico, temático e cenográfico das unidades e conjuntos de grafismos, que formam cada painel do morro do Caracará. A partir desses parâmetros foram estabelecidas identidades gráficas sustentadas com informações provenientes dos sítios situados na Chiquitania e no Pantanal, sendo atribuído um conjunto de características que possibilitaram determinar padrões de apresentação gráfica, o que, por sua vez, tornou possível estabelecer momentos culturais vividos pelos grupos indígenas responsáveis pelos grafismos.

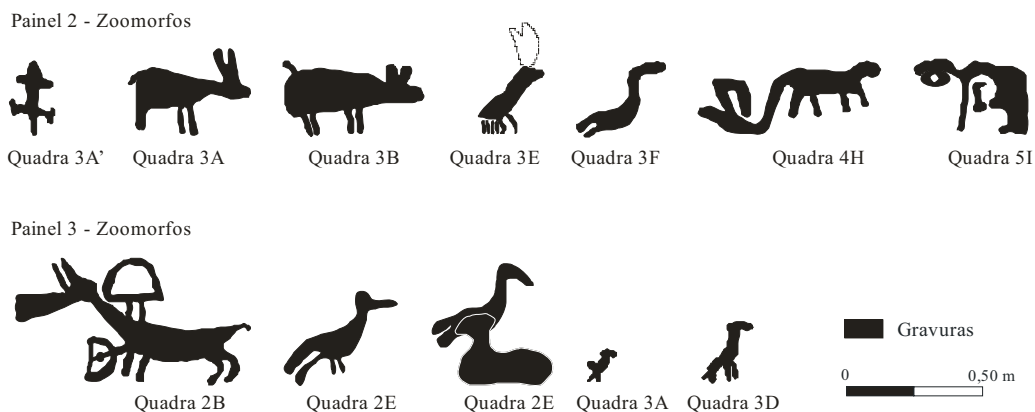
A elaboração do ordenamento taxonômico tem como princípio apresentar os temas e as técnicas na produção dos grafismos. Além disso, está associado à nossa experiência em

atividades junto às comunidades pantaneiras e aos conhecimentos adquiridos sobre o sistema ambiental do Pantanal. No entanto, para estabelecer o ordenamento taxonômico foram levadas em consideração as mesmas premissas de Pessis e Guidon (1992, p. 21) “[...] de que diferenças sobre o plano de apresentação gráfica refletem diferenças culturais, pois os padrões sociais de apresentações são determinantes dos primeiros. Os registros rupestres funcionam como verdadeiros sistemas de comunicação social segundo diferentes graus de formalização”. Evidentemente, é necessário considerar que as mudanças verificadas nos registros rupestres, seja por promoção interna do grupo cultural, seja por influência externa atribuída à chegada de outro grupo, devam ser acompanhadas de informações sobre a cultura material proveniente dos sítios adjacentes. Entretanto, algumas particularidades culturais e técnicas, representadas nos painéis, poderiam sugerir diferentes momentos culturais associados a uma produção de grafismos com intervalos de tempo significativos. Essas particularidades referem-se ao modo como os temas naturalistas e geométricos são apresentados, pois os painéis com predomínio de temas naturalistas são representados por animais terrestres e estão associados a símbolos geométricos exclusivos e são produzidos por polimento (painel 2 e 3). Enquanto os painéis com predomínio de temas geométricos, sobretudo concentrados no painel 5, estão associados a representações de animais aquáticos, e os símbolos geométricos são semelhantes aos de sítios de gravuras rupestres localizados na região das Grandes Lagoas do Pantanal (GLP) e são produzidos por percussão e polimento (painel 1, 4 e 5).

Embora os estudos etnográficos demonstrem que os grafismos abstratos e realistas podem ser vinculados a diferentes conteúdos discursivos e, muitas vezes, estão relacionados a diferentes públicos, no conjunto dos painéis do Caracará não há uma oposição entre grafismos naturalistas e geométricos. Há um conjunto de grafismos que se relacionam entre si para dar sentido a uma mensagem num tempo continuado. Logo, é possível sugerir que subsistem dois momentos culturais que denominamos de Momento de Representação Naturalista e Momento de Representação Geométrica.

O Momento de Representação Naturalista foi determinado a partir dos painéis 2 e 3 e é representado por figuras que podem ser identificadas como zoomorfose por grafismos puros. Nesses painéis, é possível verificar um momento naturalista bem definido que possibilita determinar a ordem dos animais, sobretudo, com relação aos cervídeos. Embora seja possível identificar répteis, aves e mamíferos carnívoros, nas representações predominam os animais terrestres que são confeccionados através do polimento da superfície e são representados em perfil, em que a estrutura corporal (cabeça, tronco, membros superiores e inferiores) é representada em baixo relevo. Os desenhos dos animais estão dispostos, exclusivamente, no plano vertical das paredes rochosas e encontram-se numa posição estática, representados por aves, répteis, carnívoros e cervídeos com tamanhos superiores

a 0,5 m. A maioria dos animais é representada de corpo inteiro e de perfil, com o crânio direcionado para o lado direito do observador (Figura 11). Os animais estão associados a grafismos puros, que estão no mesmo plano vertical, com tamanho superior a 0,50 m e são representados por conjunto de cúpulas e por retângulos preenchidos com cúpulas (Figura 12). Ambas as representações são possíveis de ver de longe e parece haver a intenção de narrar um determinado evento. Ainda no mesmo conjunto de representações, mas no plano horizontal, há grafismos puros com tamanho menor que 0,50 m e são representados por circunferências, por retângulos e por concentrações de cúpulas de vários tamanhos (Figura 13). Esses registros são perceptíveis somente ao observador que está sobreposto ao plano horizontal do painel e os símbolos geométricos são exclusivos aos painéis 2 e 3.



255

**Figura 11:** Registro gráfico do Momento de Representação Naturalista com representações da fauna terrestre representada por aves, répteis, carnívoros e cervídeos situados no plano vertical dos painéis 2 e 3, sítio MT-CP-01.



**Figura 12:** Registro gráfico do Momento de Representação Naturalista com representações dos grafismos puros situados no plano vertical dos painéis 1, 2, 3 e 4, sítio MT-CP-01.

Painel 1, 2, 3, 4  
Plano Horizontal

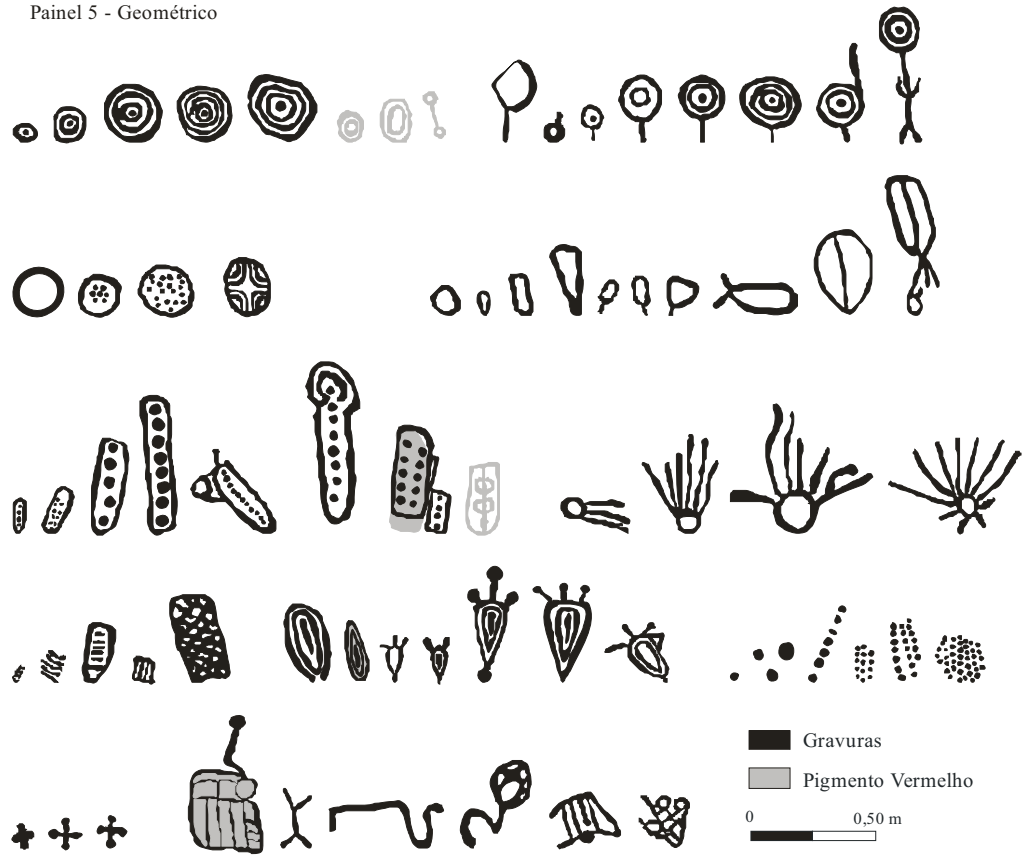


**Figura 13:** Registro gráfico do Momento de Representação Naturalista com representações dos grafismos puros situados no plano horizontal dos painéis 1, 2, 3 e 4, sítio MT-CP-01.

256

O Momento de Representação Geométrica foi determinado a partir do conjunto dos grafismos do painel 5. Esses grafismos estão disseminados na superfície do morro do Caracará, ora como figuras isoladas, ora como figuras em conjunto. No painel 3, Quadras 3A, 3B, 3C, 3D, 4A, 4B, 4C e 5B há grafismos pertencentes ao Momento de Representação Geométrica, que estão introduzidos na periferia do painel 3 de maneira a não interferir no conjunto das figuras, que representam o Momento de Representação Naturalista (Figura 6). As gravuras são confeccionadas por picoteamento e polimento, o que produz sulcos estreitos, retilíneos e curvilíneos de grafismos puros, zoomorfos e antropomorfos. Os grafismos puros se repetem ao longo dos painéis e articulam-se entre si com representações individuais e em conjunto com tamanho inferior a 0,50 cm e são representados por círculos concêntricos, por concentrações de cúpulas isoladas, por concentrações de cúpulas com seus limites estabelecidos por retângulos e circunferências e símbolos não identificáveis (Figuras 14 e 15). A fauna é representada por animais aquáticos, sobretudo, por peixes, e por répteis (quelônios e serpentes) (Figura 16). O homem é representado por apenas uma gravura com esquematização da figura humana e suas armas e por uma representação da mão esquerda confeccionada em gravura e pintura (Figura 10). Numa segunda ocasião, talvez do último grupo a produzir registros rupestres no local, é utilizada a pintura vermelha para delinear figuras geométricas, para pintar uma superfície ampla e sobrepor gravuras e para pintar os sulcos das gravuras (Figura 17).

Painel 5 - Geométrico



257

Figura 14: Registro gráfico do Momento de Representação Geométrica das gravuras e das pinturas distribuídas no painel 5, sítio MT-CP-01.

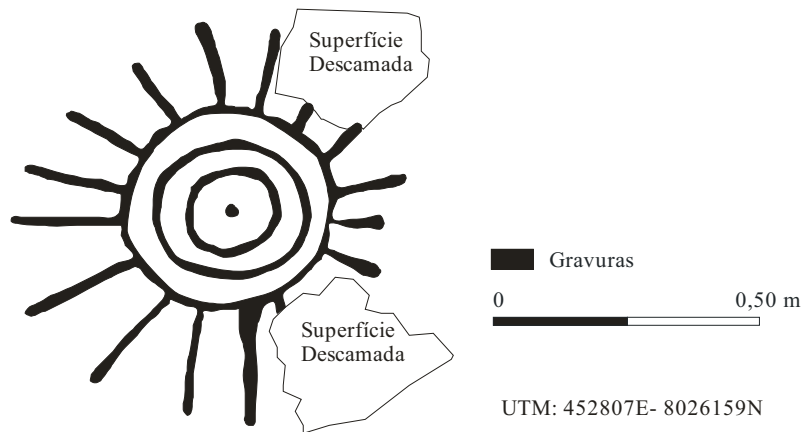
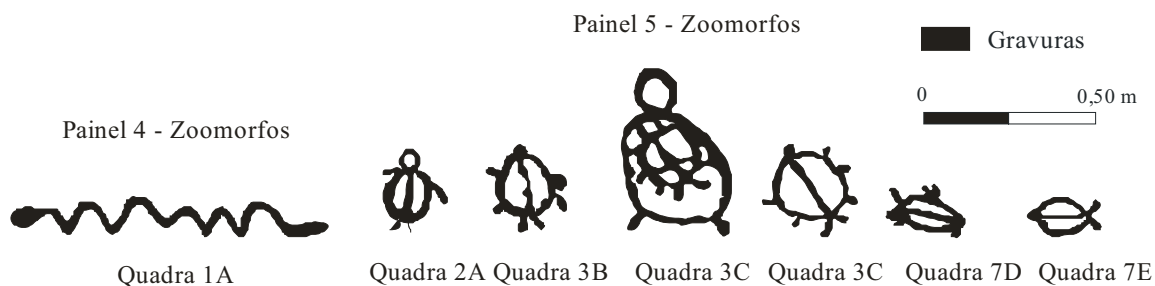
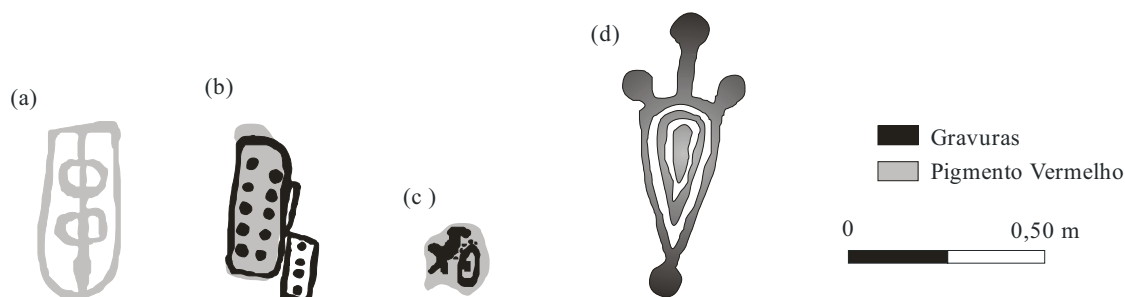


Figura 15: Registro gráfico isolado pertencente ao Momento de Representação Geométrica, sítio MT-CP-01. Os grafismos são confeccionados em baixos-relevos numa profundidade entre 0,3 e 0,5 cm.



**Figura 16:** Registro gráfico do Momento de Representação Geométrica com representações da fauna aquática representadas por peixes, anfíbios e serpentes pertencentes ao painel 4 e 5, sítio MT-CP-01.



**Figura 17:** Registro gráfico do Momento de Representação Geométrica com uso de pigmento vermelho para elaborar os desenhos (a), pintar a superfície e sobrepor com gravuras (b e c) e pintar dentro dos sulcos das gravuras (d).

## CONCLUSÃO

O morro do Caracará é ponto estratégico na paisagem, pois está situado dentro da planície de inundação na foz do rio São Lourenço com o rio Paraguai e pode ser visto de longe. O local oferece paredes planas de rochas metamórficas de fácil acesso, o que proporciona uma excelente adequação do corpo para confeccionar as gravuras, resultando em grafismos bem elaborados com representações da fauna local e figuras de composição livre. A face leste do morro, onde se encontram os registros rupestres, tem uma exposição solar ao longo do dia e está protegido do vento sul, que traz baixas temperaturas no inverno. Alguns grafismos estão próximos à água e, eventualmente, são parcialmente submersos pelas cheias dos rios.

O conjunto dos grafismos permite a identificação do mundo real, que é facilmente perceptível pelas representações do entorno ambiental. O grupo responsável pelos registros rupestres demonstra que a vida humana só tem sentido com a participação dos outros atores do mundo real, ou seja, os rios, os canais fluviais, os animais e o homem. As figuras são elaboradas por polimento e/ou percussão com procedimentos cuidadosos de acabamento

e oferece um efeito de realidade e volume na representação da fauna, que possibilita com certa facilidade a identificação taxonômica dos animais. É possível detectar áreas com maior e menor densidade pictural, em que se percebe uma sequência nas representações dos grafismos com dois momentos culturais: o Momento de Representação Naturalista e o Momento de Representação Geométrica.

O Momento de Representação Naturalista é representado pelos painéis 2 e 3 (Figuras 6 e 7), nos quais os grafismos são produzidos através da técnica de polimento, com movimentos circulares e retilíneos, resultando num processo abrasivo intenso e, eventualmente, o picoteamento. Destacam-se as representações da fauna terrestre (mamíferos e aves) com o corpo totalmente em baixo-relevo, em posição estática, associados a desenhos geométricos confeccionados por incisões, que produzem sulcos retilíneos e curvilíneos de retângulos e circunferências preenchidas por cúpulas. As imagens produzem um efeito real na apresentação gráfica dos animais que compõe um código formal de representação provocado pelo perfeito delineamento do desenho, pela representação em baixo-relevo dos corpos e pelo predomínio na representação da esquerda (cauda) para a direita (crânio) dos animais, que estão situadas exclusivamente no plano vertical. Os painéis são completados com um conjunto de grafismos puros que são representados no plano horizontal. Os grafismos estão distribuídos em locais com uma superfície unida por um plano horizontal e por um plano vertical que apresentam um conjunto de grafismos com motivos naturalistas e geométricos exclusivos. É provável que esse momento represente um período com níveis de inundação de baixa amplitude na planície pantaneira, com predomínio de períodos terrestres de longa duração e, conseqüentemente, uma maior residência de animais terrestres na planície, sobretudo, os cervídeos e carnívoros.

259

O Momento de Representação Geométrica é representado pelos painéis 1, 4 e 5 (Figuras 4, 8, 9 e 10), que consiste no uso da técnica de picoteamento e polimento, com movimentos retilíneos e curvilíneos, resultando em sulcos que delineiam figuras geométricas de composição livre, associadas às figuras da fauna aquática (peixes, quelônios e serpentes). Num último estágio, aparecem representações de grafismos puros com uso de pigmento vermelho de figuras isoladas, de figuras sobrepostas e soto-postas às gravuras. Ambas as representações estão distribuídas em vários locais do morro do Caracará, inclusive ao redor dos painéis 2 e 3, mas com uma concentração no painel 5. Nesse mesmo momento, inicia a representação da figura humana com suas armas (painel 5) e a mão esquerda (painel 3). O uso de pigmentos vermelhos possivelmente representa os últimos grupos humanos que produzem de forma continuada os registros rupestres no morro do Caracará. É provável que o Momento de Representação Geométrica represente um período com níveis de inundação semelhantes aos da atualidade com uma fase aquática de longa duração e com predomínio de animais aquáticos.

Os registros rupestres do Caracará são marcados por duas representações distintas, tanto na temática associada à técnica, quanto na maneira como as figuras estão dispostas sobre a parede e são representados pelo Momento de Representação Naturalista e o Momento de Representação Geométrica. As gravuras não são intrusões isoladas, pois há uma sequência muito bem definida de grafismos, que se repetem com frequência, não havendo figuras superpostas. Isso nos remete a pensar que as imagens representam a presença humana, que ao longo do tempo, registra a sua história.

A posição dos painéis evidencia um local público de alta visibilidade, que parece ter a intenção de narrar um determinado evento. As condições de realização dos registros indicam que a mensagem a ser registrada é o elemento fundamental, pois as condições de realização são bem estudadas sem exigir um esforço físico do artista. O esforço físico parece não ter um sentido social no momento da gravação, mas sim a posição do painel em relação à visibilidade por parte dos indivíduos que pertencem ao grupo responsável pelos grafismos e por parte dos outros grupos culturais que passam ou estão presentes na região.

260

A evolução da maneira como se apresentam os registros rupestres no morro do Caracará, indica diferenças culturais e cronológicas que poderiam surgir de um mesmo grupo através de sucessivas gerações de indivíduos ou pertencer a sucessivas ocupações de grupos distintos. Todavia, os registros rupestres pertencentes ao Momento de Representação Geométrica parecem indicar representações autóctones, que se prolongam na região da borda oeste do Pantanal e em direção à Chiquitania ou vice-versa. E representam experiências vividas pelos grupos que ocuparam concomitantemente o bioma Pantanal e o Cerrado. As eventuais mudanças verificadas nos registros rupestres, seja por promoção interna do grupo, seja por influência externa atribuída à chegada de outra etnia, deve ser acompanhada pela contextualização dos assentamentos situados na planície pantaneira.

Ao examinar o grau de desgaste e a concentração de pátina sobre os grafismos, é possível sugerir que os primeiros registros rupestres iniciem com o Momento de Representação Naturalista, representados pelos painéis 2 e 3 (Figuras 6 e 7), que contêm uma alta incidência de pátina no conjunto de desenhos de animais e figuras geométricas com tamanho superior a 50 cm. Enquanto que ao redor desses desenhos há gravuras que podem ser associadas aos símbolos presentes no painel 5, mas com uma incidência de pátina menor. Posteriormente, segue uma ocupação com o Momento de Representação Geométrica representado pelos painéis 1, 4 e 5 (Figuras 4, 5, 8, 9 e 10) e painel 3, referente às Quadras 3A, 3B, 3C, 3D, 4A, 4B, 4C e 4D (Figura 6), com destaque aos grafismos puros e de animais aquáticos com tamanho inferior a 50 cm. Os registros rupestres pertencentes ao Momento da Representação Naturalista se restringem aos sítios rupestres do Morro do Caracará e Morro do Campo, não havendo representações de grafismos isolados, ou em conjunto no Pantanal e adjacências.



Na região das Grandes Lagoas do Pantanal, a distribuição espacial dos registros rupestres possui arranjos e elementos gráficos que podem representar a presença de grupos com identidade étnica para cada conjunto de lagoas e, possivelmente, as gravuras são contemporâneas aos grupos indígenas que ocuparam os Aterros. Da mesma maneira, é possível considerar a Arte Rupestre do Caracará como uma linguagem gráfica de feição estética e cognitiva, que provavelmente foi elaborada por grupos indígenas que se estabeleceram na planície pantaneira, pelo menos, antes da chegada dos conquistadores europeus, sobretudo pela presença, nas proximidades, de assentamentos pertencentes a grupos indígenas de Tradição Pantanal, que ocuparam a região ao redor de 1.000 anos A. P.

A Arte Rupestre do Caracará representa o resultado do trabalho da co-participação de vários indivíduos, talvez de sucessivas gerações, imbuídos de manter e registrar sua identidade étnica nas paredes rochosas do morro do Caracará. Os artífices produziram uma representação gráfica que é o resultado de gerações de prática pictural. São momentos culturais que se repetem ao longo da formação do conjunto dos grafismos dentro de cada painel, de acordo com técnicas e representações repetidas ao longo do tempo. As figuras dos animais como cervídeos, serpentes, tatus, quelônios e peixes têm uma importância evidente no universo gráfico do grupo responsável pelos grafismos e são símbolos compartilhados por grupos de pessoas que se identificam como parceiros de uma mesma história e representam informações construídas ao longo do tempo.

261

#### AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de pós-doutorado e pelo apoio financeiro, à Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), pelo apoio financeiro e uso do Laboratório de Arqueologia do Pantanal, ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), pelo apoio logístico nas atividades de campo dentro do Parque Nacional do Pantanal, ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e ao Instituto Anchieta de Pesquisas, que aprovaram a execução do projeto de pós-doutorado, garantindo o apoio nas atividades de laboratório e acesso as bibliotecas.

***José Luís dos Santos Peixoto***

*UFMS*

*E-mail: jl.peixoto@terra.com.br*

***Pedro Ignácio Schmitz***

*IAP/UNISINOS*

*E-mail: anchietano@unisinis.br*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, F. 1998. *Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference*. Illinois: Waveland Press.

BRASIL.1982. Ministério das Minas e Energia. Secretaria-Geral. *Projeto RADAMBRASIL*. Folha SE. 21 Corumbá e Parte da Folha SE. 20. Vol. 27. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia.

FONSECA, J.S. 1880. *Viagem ao redor do Brasil (1875-1878)*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C.

GIRELLI, M. 1994. *Lajedos com gravuras na região de Corumbá - MS*. (Dissertação Mestrado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

HACKBART, P.S. 1997. *Análise do Petroglifo MS-CP-41, Corumbá-MS*. (Trabalho de Conclusão do Curso de História, Licenciatura Plena), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

262

MARTIN, G. 1994 O universo simbólico do homem pré-histórico nordestino. In: \_\_\_\_\_. *Pré-história do nordeste do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE. p. 209-279.

MUNSELL SOIL COLOR CHARTS. 1994. New York: Macbeth Division of Kollmorgen Instruments Corporation.

OLIVEIRA, J.E. 2002. *Da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal*. (Tese de Doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PASSOS, J.A.M.B. 1975. *Alguns Petroglifos em Mato Grosso com apêndice sobre outros do Paraguai e Bolívia*. (Tese de livre-docência) Universidade de São Paulo.

PEIXOTO, J. L. S., FELICÍSSIMO, M. P. 2007 A Indústria Cerâmica dos Povos Indígenas Pré-Coloniais das Lagoas do Castelo e Vermelha, Pantanal (MS). In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 14., 2007, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: SAB, 2007. 15 f. (CD-Rom).

PEIXOTO, J.L.S. 2002. *A Ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-Mato-Grossense*. 290 p. (Tese de Doutorado) Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PESSIS, A.M. 1984. “Método de interpretação da arte rupestre: análises preliminares por níveis”. *Clio* (Série Arqueológica), Recife, v. 1, n. 6, p. 99-107.

\_\_\_\_\_. 1992. “Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil”. *Clio* (Série Arqueológica), Recife, v. 1, n. 8, p. 35-68.

\_\_\_\_\_. 1993. Registro rupestre, perfil gráfico e grupo social. *Clio* (Série Arqueológica), Recife, v. 1, n. 9, p. 7-14.

\_\_\_\_\_. 2003. *Imagens da Pré-história*. São Paulo: A & A Comunicação.

PESSIS, A.M.; GUIDON, N. 1992. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. In: VIDAL, Lux. *Grafismos indígenas: estudos de Antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Edusp2. p. 19-33.

RIBEIRO, B. 1992. A mitologia pictórica dos Desâna. In: VIDAL, Lux (Org.). *Grafismos indígenas: estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel, Editora da USP, Fapesp, p. 35-52.

263

SCHMIDT, M. 1912. Reisen in Matto Grosso in Jahren 1910. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v. 44, n. 1, p. 130-174.

\_\_\_\_\_. 1914. Die Felszeichnungen am Caracara-Hügel. *Baessler-Archiv*, Berlin, v. 4, n. 6, p. 251-283.

\_\_\_\_\_. 1940. Nuevos hallazgos de grabados rupestres em Matto Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Asunción, Tomo V, p. 63-72.

SCHMITZ, P. I. *et alli*. 1998. Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. *Pesquisas, Antropologia*, n. 54, p. 1-271, 1998.